



ORIENTE MÉDIO

Trump insiste que os EUA negociam um pacto com o Irã, mas regime islâmico desmente a Casa Branca. Presidente fala em “última oportunidade antes da decapitação” e garante que a Marinha americana exerce total controle sobre Estreito de Ormuz

“Acordo ou rendição total”

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de Donald Trump afirmar que suspendeu o ataque ao Irã para retomar a via diplomática e que um acordo estaria próximo, o regime teocrático islâmico desmentiu o presidente americano. Logo depois, o titular da Casa Branca insistiu que os EUA estão negociando “neste momento” com os iranianos e falou em uma “última oportunidade antes da decapitação” da república islâmica. “Esta é a última oportunidade que têm para assinar um bom documento”, acrescentou. “Quero dar a eles até a última oportunidade antes da decapitação”, emendou. Ele garantiu que o ataque suspenso, no domingo, contra o território iraniano teria sido “o maior desde a Segunda Guerra Mundial”.

Trump também desqualificou a negativa de Teerã e advertiu que os iranianos devem escolher entre um “acordo” ou a “rendição total”. “Nós somos claros a respeito, são eles os que o negam”, declarou. Mais tarde, assegurou a continuidade do bloqueio ao Estreito de Ormuz — via marítima por onde passam 20% do petróleo produzido no mundo — pela Marinha dos EUA. “Nada chega ao Irã, a menos que queiramos que chegue, e nada chegará, a menos que se consiga um acordo ou uma rendição total.”

“Os líderes iranianos são incrivelmente dissimulados! Pedem uma reunião, alguns diriam que ‘suplicam’, as conversas começam, com mais encontros programados para um futuro imediato, e eles dizem, abertamente e com orgulho que não estão mantendo nenhuma conversa”, afirmou o americano em sua plataforma Truth Social. Segundo o líder americano, as grandes companhias petrolíferas estão ganhando “dinheiro demais” devido à falta de petróleo causada pela guerra. “Não gosto. Estão ganhando dinheiro demais. Baseando-se em uma escassez, estão ganhando dinheiro demais”, disse a jornalistas na Casa Branca.

De acordo com o Irã, não existe uma negociação com os EUA. “Nossas negociações são com Omã para garantir a passagem pelo Estreito de Ormuz”, declarou o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores iraniano, Esmail Baqaei. “Queira o Irã admitir ou não, estamos, de fato, falando de uma solução para um problema que causaram há décadas”, ressaltou Trump, em referência à obstrução do Estreito de Ormuz e aos ataques a navios que tentam a travessia. No

Atta Kenare/AFP



Motociclistas passam diante de outdoor com mensagem contra Washington, no centro de Teerã: Estátua da Liberdade no chão

Eu acho...

“É óbvio que o Irã não consegue ganhar a guerra em definitivo. O importante é que Teerã tem prolongado a situação de impasse para os EUA. Para Trump, a situação doméstica fica cada vez mais complexa. As alternativas para o Irã são poucas, mas ele consegue se manter. Politicamente, é um país sem grandes aliados na região para sustentar os seus pleitos.”

Cristina Pecequilo, professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)



Arquivo pessoal

domingo, Baqaei tinha anunciado que o Irã se esforçava para construir um pacto de gestão conjunta do Estreito de Ormuz. “Estamos prestes a alcançar um acordo sobre uma rota aceitável para ambas as partes, respeitando os direitos soberanos de cada país e garantindo nossos interesses nacionais e nossa segurança”, assegurou.

Popularidade

Professora de relações internacionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Cristina Pecequilo explicou que a nova ameaça de Trump faz parte de um ciclo de pressões e contrapressões que ocorre desde o início da guerra. “É uma

reação às pesquisas de popularidade, segundo as quais somente 35% dos americanos aprovam o governo Trump. Temos a proximidade de uma eleição de meio de mandato. Alguns candidatos republicanos têm feito movimentos no sentido de se distanciar de Trump enquanto figura política. Historicamente, temos provas de que governantes que levam seu partido às eleições legislativas com popularidade tão baixa dificilmente conseguem manter a maioria na Câmara”, disse ao **Correio**.

Pecequilo admite que a continuidade da guerra apresenta dificuldades no que diz respeito à disponibilidade de armamentos e de capacidade bélica da parte dos EUA. “Temos observado uma contrarreação americana diante de um momento adverso. Não significa que o Irã está perdendo a guerra, mas sinaliza que está cada dia mais difícil para os Estados Unidos ganharem incondicionalmente.”

EUROPA

Crise de imigração em debate

Os ministros de Interior dos 27 países que integram a União Europeia (UE) fazem, hoje, reunião virtual para discutir a situação no enclave espanhol de Ceuta, no norte da África. Na sexta-feira, uma multidão de ao menos 60 mil imigrantes invadiu o território — a maioria, por mar — instalando uma crise humanitária que levou o primeiro-ministro Pedro Sánchez a se deslocar para a cidade e coordenar em pessoa a resposta. O episódio voltou a deixar expostas as diferenças no bloco sobre o tema, com os governos de direita, em especial o da Itália, criticando duramente a política do premiê socialista, acusado de “leniência” com a imigração ilegal e em massa.

A grande maioria dos candidatos à imigração foi escoltada de volta para o Marrocos no fim de semana, mas ao menos 2,5 mil continuavam ontem na cidade, segundo o delegado do governo central — embora o presidente de Ceuta, Juan Jesús Vivas, mencionasse um total entre 3 mil e 5 mil.

A Espanha tem evitado criticar o Marrocos, que desde sua independência, em 1956, reivindica a posse de Ceuta e Melilla. Mas o chanceler José Manuel Albares aproveitou a véspera da reunião do bloco para reafirmar a soberania espanhola sobre ambos os enclaves. “É inquestionável que Ceuta e Melilla são parte da integridade territorial da Espanha”, reiterou, ontem. Historicamente, Madri se recusa a sequer discutir a questão com a monarquia marroquina.

Analistas e observadores levantaram,

Henry Nicholls/AFP



Estrangeiros retornam para o Marrocos, escoltados por militares espanhóis

desde sexta-feira, suspeitas de que a súbita “invasão” dos candidatos à imigração teria sido manipulada pelo governo de Rabat, como forma de exercer pressão diplomática. O governo de Sánchez vem se aproximando da Argélia, arquiadversária do Marrocos por seu apoio à luta pela independência da região que se reivindica como o Saara Ocidental. Suspeitas foram lançadas também sobre Israel, que mantém relação amena com Rabat e não esconde o mal-estar com a posição do premiê socialista espanhol sobre o conflito no território palestino da Faixa de Gaza — Sánchez acusou as forças israelenses de cometer “genocídio” e deu reconhecimento de Estado à Autoridade Palestina.

As autoridades espanholas responsabilizaram quadrilhas de criminosos por difundirem boatos nas redes sociais sobre

uma recente sentença do Tribunal Supremo espanhol que permitiria ingresso mais fácil no país para os migrantes. A ministra espanhola das Migrações, Elma Saiz, afirmou que “não houve nenhum alerta (do Marrocos) sobre a magnitude” da entrada em massa em Ceuta. Mas amenizou qualquer atrito, ressaltando que “a resposta (à crise) não teria sido possível sem a colaboração” de Rabat.

A ONG Save the Children informou que “cerca de mil meninos e meninas” recebem atendimento do sistema de proteção da cidade, que está muito acima de sua capacidade estrutural, de “menos de uma centena de vagas”. Repórteres da agência de notícias France-Presse viram, no sábado, centenas de menores refugiados em uma área de armazéns perto da fronteira. Eles afirmavam que não tinham comida.

Atenas cercada pelo fogo

As autoridades da Grécia continuavam, ontem, lutando contra os incêndios que devastam desde o fim da última semana a região da capital, Atenas, que seguia sob estado de emergência. “Apesar de o vento ter se enfraquecido na região, em Kandyli ainda há rajadas e correntes geradas pelo ar quente que sobe, e observa-se uma reativação do fogo”, declarou Panagiotis Margetis, prefeito de Megara, cidade a 30km da capital. Os principais focos situam-se nas localidades de Kandyli e Agia Skepi. Mas “o fogo muda constantemente de direção” e está se aproximando da zona industrial de Megara, o que é “muito perigoso”, acrescentou o prefeito à emissora estatal Ertnews. A Grécia está no centro da crise vivida na Europa, castigada por um verão com recordes históricos de temperatura e baixa umidade do ar. França e Espanha, devastadas no fim de julho, experimentam algum alívio nos últimos dias, mas preparam-se para novos problemas com a previsão de uma nova onda de calor a caminho.

Aris Oikonomou/AFP

